

Para além dos fios e cabos: sobre a performance metasubcibertrans

Dolores Galindo

Um corpo onde são precariamente atados aparatos técnicos¹.

Nos seios, mouses. No estômago, uma placa-mãe. Na boca, portas de conexão. Na vagina, um mouse. Na cabeça, um chapéu de feltro. No colo, palavras escritas em batom vermelho. E, desfazendo signos identitários, uma máscara perfaz dois olhos. Há a repetição do pênis, no mouse. Há a repetição da boca, na placa de conexão. Há a repetição do estômago, na placa-mãe. Há a repetição dos seios, nos mouses. Há a repetição da face, na máscara. E aqui, “a repetição é aquilo que se opõe à representação, não à diferença”².

Na repetição, perfaz-se um sintagma composto pela disposição dos prefixos *meta*, *sub*, *ciber* e *trans* na qual o primeiro desloca os

¹ Entre os dias 07 e 11 de dezembro, em Lençóis, no interior baiano, ocorreu a terceira edição do evento Submidialogia: a arte de re:volver os logos do conhecimento pelas práticas e desorientar as práticas pela imersão no subconhecimento. Trata-se de um encontro imersivo que agregou artistas, ativistas e intelectuais. Segundo o site do evento, a metodologia de organização se divide em três linhas de ação: o convívio, a realização de integrações multimídia e a montagem de intervenções públicas. Na edição de 2007, diferentemente das anteriores, houve uma invasão feminina (WELLS, T. 2008). É sobre uma das performances femininas que se debruça o presente texto. Para maiores informações sobre o Submidialogia: <http://submidialogia.descentro.org/>

² Idéia trabalhada em Deleuze e retomada por Peter Paul Pebart (2003), p. 229.

demais da sua função literal³. Esquiva-se à lógica de classificação por oposições, à necessidade de conexão.

Deparamo-nos com um dispositivo sócio-técnico feito com peças e cabos que não conectam. A força da performance não está no aprimoramento das potencialidades da interatividade ou da simbiose entre corpo e máquina – os aparatos são obsoletos. Da precariedade, inscrita na adoção do prefixo *sub*, emerge grande parte da potencia da performance. Sonha a metasubcibertrans com computadores vestíveis ligados a outros tantos dispositivos? Os fios – repetamos - não conectam. Alguns aparatos estão, inclusive, amarelados pelo tempo. Teria a metasubcibertrans fugido de um sonho tecnológico não concretizado?⁴

No híbrido, se entrevêem os seios. A visão do contorno das pernas faz do sexo potência de criação e de relação. Sexo, também, obsoleto frente ao instável arranjo atado com fita adesiva. Divisa-se uma metaficcção que questiona os limites do sexo como marcador identitário e da rede de comunicação como utopia civilizatória. Desta vez, a inscrição se dá no prefixo *ciber* e, como indagam as integrantes do g2g⁵, grupo do qual faz parte a performer – o ciberfeminismo teria chegado à América Latina? Em nosso contexto, o tropo *ciborgue* funciona para a desconstrução de dicotomias sexo/gênero e relações de poder de base tecnológica?⁶

Os aparatos técnicos não compõem um exoesqueleto nem são introduzidos na espessura da carne. A performance se dá na superfície da pele. A voz está retida pelas portas de conexão cujos cabos envolvem o pescoço e instalam constrições de movimento. O

³ Efeito semelhante de deslocamento é explorado nas performances *drag king* (HANSON, 2007)

⁴ Fugido, como o fez, a criatura desenvolvida pelo Dr. Frankenstein, na novela de Mary Shelley?

⁵ g2g é um grupo composto por mulheres cujo trabalho se volta, dentre outras ações, para o uso de tecnologias de software livre. Referências sobre o grupo podem ser encontradas no site www.interfaceg2g.org.

⁶ Sobre o questionamento do tropo *ciborgue* como metáfora contemporânea para a desconstrução de dicotomias, ver texto *Sobre os Ciborgues como figuras de borda* (GALINDO, 2003).

dispositivo que conecta é o mesmo que depõe acerca da insuficiência no uso das redes de comunicação. O mouse se interpõe à vulva. O

que se necessita não é uma nova parte do corpo, para dizer de algum modo, mas deslocar o simbólico hegemônico da diferença sexual (heterossexual) e oferecer em perspectiva crítica, esquemas imaginários alternativos que permitam constituir espaços de prazer erógeno (BUTLER, 2002, p. 142).

Como na *Minotaire* de Dali⁷, o corpo *trans* figura-se ao desfazer os contornos nítidos entre feminino e masculino, entre humano, animal e máquina. Sonha-se a metasubcibertrans um cyborg? Mouses se interpõem aos seios e duas crianças são apoiadas em seus braços - posam para a câmera.

Atada por fios e cabos, a performer não se interliga a outro dispositivo – a sustentação dos aparatos está no corpo. Nos cabos que saem das portas analógicas não correm feixes de informação. Performance e política se entrelaçam num corpo que se situa às margens dos fluxos tecnológicos de comunicação. Sonha a metasubcibertrans com feixes de informações binárias percorrendo os cabos que a atam? Tem-se um corpo *open source*, aberto, instável – em metareciclagem⁸.

A criatura não agoniza, sorri fixamente – linha horizontal estirada na face. É instalada uma figuração ritual. A junção imperfeita entre corpo e aparatos delinea um gesto fágico.

Na performance *Ciberpsicomagia*⁹, a fita que atava a boca da criatura, desaparece. Abre-se espaço para uma fala lacônica que oscila entre a lucidez e o delírio. Códigos binários interrompem os fluxos de voz. Victoria Synclair entrevista a Metasubcibertrans que, desta feita,

⁷ Imagem híbrida entre *La Minotaure* (1936) e *Metasubcibertrans* (2007, 2008) pode ser encontrada no site <http://www.degradarte.org>

⁸ Por metareciclagem se alude à apropriação de objetos (novos e velhos) de modo a compor resignificações de usos, sentidos e ações. Mais informações em: <http://metareciclagem.org/drupal/>

⁹ Performance realizada na Casa das Bananeiras, no Rio de Janeiro, em 2008. <http://interface2g.org/node/504>

já não mais apresenta aparatos técnicos. Permanece a máscara na qual se entrevê apenas a boca, descargas elétricas perfazem sons codificáveis¹⁰:

Miserável e divina criatura. Povo yanomami¹¹ me tocava muito delicadamente. Abriram minha placa mãe. Aprenderam sobre os critérios da evolução. Meu corpo era um objeto experimental. Para eles entenderem porque não acreditamos em evolução¹² (BORGES, 2008).

Espíritos indígenas passam a povoá-la. Em performance anterior, a artista já havia invocado os índios guaranis kaiowás de Mato Grosso, que, na ausência de alternativas dignas de vida, cometem suicídio ritual. São estes índios que a abrem e perscrutam a placa mãe atada à pélvis.

O corpo híbrido se converte em objeto experimental. Com o que sonham os índios que a abrem? Tocam-na, delicadamente, num gesto desencantado – do experimento. Uma vez sonhados, os índios são incorporados ao laboratório estendido da artista – tecnomagos que atuam nas interfaces maquínicas e oníricas (Sinclair, V., 2008).

A carcaça do computador se mistura ao visco dos alimentos. Obsoleta, perecível. Passamos um outro agenciamento - índios, alimentos e carcaças¹³.

A criatura agoniza. Não existem mais fios. Não existem mais cabos. Existe apenas o imperativo da conexão – fluxos maquínicos e espirituais a atravessam. Fios, cabos e vestes são expostos sem o suporte corpóreo. Opera-se a autonomização dos aparatos em relação à ordem corpórea:

Assim, como os animais mortos para abate, a metasubcibertrans tem sua pele esticada no curtume. Malhas, Fios, cabos e fluxos são atados em alegoria. “Agora retiram de mim a

¹⁰ A fala da Metasubcibertrans foi feita, basicamente, em inglês.

¹¹ Sobre a performance *Suicídio Guarani*, consultar: <http://diplo.uol.com.br/2008-02,a2168>

¹² Depoimento em vídeo, transcrição cedida pela artista.

¹³ Sobre corpos sem órgãos (Deleuze, 2002).

cobertura de carne, escorrem todo o sangue, afinam os ossos em fios luminosos e aí estou [...] parecida comigo. Um rascunho”¹⁴.

Referências

BORGES, F. *Fala da Metasubcibertrans*. Disponível em: www.cassandras.blogspot.com. Acesso em: 12 de março de 2008.

BUTLER, J. Identificación fantasmática y la asunción del sexo. Em: *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. Buenos Aires, Paidós, 2002.

DELEUZE, G. Como hacerse um cuerpos in órganos? In: *Mil Mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Espanha: Pré-textos, 2002.

GALINDO, Dolores Sobre os ciborgues como figuras de borda. *Athenea Digital*. nº 4. 2003

HANSON, Julie Drag Kinging: Embodied Acts and Acts of Embodiment. *Body & Society*, v. 13, n. 1, p. 61-106, 2007

HARAWAY, Donna *Ciência, Cyborgs y mujeres: La reinvention de la naturaleza*. Madrid: Ediciones Catedra, 1991.

PELBART, Pelbart Música e Repetição. In: *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SINCLAIR, Vitoria. *Entrevista com a Metasubcibertrans*. Disponível em: <http://cassandras.multiply.com>. Acesso em 12 de março de 2008.

WEELS, Tatiana. O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina. *Labrys, estudos feministas*, Jan./jul., 2005. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/tatiana.htm>. Acesso em: 2005

Agradecimento

A Fabiane Borges pelas diversas conversas ao longo da redação deste texto.

¹⁴ Trecho de poema narrado pela cantora Elis Regina durante o seu último show intitulado Trem Azul.